

Candidato se define: uma McLaren

ROBERTO STEFANELLI

MANAUS — Uma McLaren ajustadinha: assim o candidato à sucessão presidencial pelo PRN, Fernando Collor de Mello, se definiu ontem, no seu primeiro teste de rua. Exageros à parte, foi inevitável reconhecer que, durante as três horas em que percorreu sete bairros populares da capital amazonense, visitou a Assembleia Legislativa e a Câmara Municipal, num preparativo para seu comício à noite, Collor empolgou uma confusa mistura de eleitores: ricos, nos seus carros do ano, miseráveis moradores de palafitas, militares em uniforme do Exército e Aeronáutica e políticos dos diversos partidos que se dispuseram a ouvir a repetição do seu discurso moralista e pela "unidade nacional".

Além de ter, aparentemente, encontrado o filão eleitoral que o levou ao pico das pesquisas de opinião, Collor parece contar também com a falta de ação dos seus adversários para crescer. Como o Aeroporto Eduardo Gomes estava em reforma, teve de desembarcar na base aérea, perdeu uma possível

festa no desembarque, mas ganhou, aborrecido, no comandante do 7º Comar, brigadeiro Luís Antônio Leomil — que impediu a movimentação da imprensa e de políticos na base —, um inesperado aliado.

A proibição só fez juntar mais gente à sua saída e resultou na confissão do oficial-de-dia, tenente-coronel Helmolt: "Desculpe, eu cumprio ordens, mas sou Collor. Eu e toda a minha família".

O oficial ganhou adesivos, ouviu Collor dizer que não se preocupasse — "pois logo tomaremos esta Base" — e assistiu a uma festa que se armou nas imediações.

Em cima de uma caminhonete, Collor tirou o paletó e desfilou, vagarosamente, por 13 quilômetros de sete bairros populares de Manaus. Gastou uma hora no percurso, seguido por um número não muito grande de carros, mas chamando às ruas e janelas grupos de entusiastas: uns acenavam, outros levantavam o polegar ou esmurravam o ar e um terceiro grupo, diminuto mas decidido, desaprovava. Por três vezes, Collor ouviu os gritos de "Bri-zola" e "Lula".

As janelas surgiam senhoras enroladas em toalhas de banho — é comum em Manaus um banho no horário do almoço. Nas ruas, "buzinão", garotos seminus correndo atrás de adesivos e saudações inusitadas, como os acenos e murros no ar de estudantes e instrutores do Colégio Militar de Manaus. "Pelo menos no Colégio Militar eu estou bem", brincou Collor.

Suando muito, ele chegou à Assembleia Legislativa, recusou um lenço para enxugar o suor, evitou o copo de água e disse que não pretendia descansar. Deu a primeira entrevista coletiva e fez um discurso no plenário, lamentando: "O Brasil caiu nas mãos de quem não tem capacidade nem dignidade para governar". Depois, seguiu a pé para a Câmara Municipal.

Dali, saiu para a casa do empresário Humberto Cauderaro, proprietário do jornal A Notícia. Contabilizou suas andanças pela cidade, garantindo que está de "pneus novinhos" na corrida presidencial, e arriscou uma previsão para o comício da noite: "Se tivermos 10 mil na praça, está bom. Vamos ver se acabamos antes do jogo Brasil-Peru".



Ricardo Chaves/AE

Collor desfila em carro aberto pelas ruas de Manaus, antes do comício: empolgação